

Índice

I	9
II	20
III	28
IV	42
V	50
VI	65
VII	81
VIII	88
IX	100
X	127
XI	141
XII	159
Apêndice I	177
Apêndice II	202

I

No quartel Lenine em Barcelona, na véspera de me alistar na milícia, vi, de pé diante da mesa dos oficiais, um miliciano italiano.

Era um jovem de vinte e cinco ou vinte e seis anos, de aparência rude, com cabelo de um amarelo arruivado, largo de ombros. Trazia o boné de pala de couro puxado ostensivamente para baixo por cima de um olho. Estava de perfil, com o queixo descido para o peito e estudava de testa franzida, com ar intrigado, o mapa que um dos oficiais desdobrara em cima da mesa. Havia no seu rosto alguma coisa que me comoveu profundamente. Era o rosto de um homem capaz de assassinar e dar a vida por um amigo — o género de rosto que esperaríamos ver num anarquista, embora o mais provável fosse ser comunista. Havia nele a candura e ao mesmo tempo a ferocidade, e também a patética reverência, que os iletrados sentem pelos que são tidos por seus superiores. Era evidente que, para ele, o mapa era indecifrável e que a sua leitura lhe parecia uma proeza intelectual assombrosa. Não sei ao certo porquê, mas poucas vezes conheci alguém — algum homem, quero eu dizer — que me tenha imediatamente despertado tanta simpatia. Durante a conversa à volta da mesa, uma qualquer observação me deu a conhecer como estrangeiro. O italiano levantou a cabeça e perguntou-me vivamente:

— *Italiano?*

No meu mau espanhol, respondi-lhe: — *No, Inglés. ¿Y tú?*

— *Italiano.*

Quando saímos, veio ter comigo e apertou-me a mão com muita força. Estranho, a afeição que se pode sentir por um desconhecido!

Foi como se o seu espírito e o meu tivessem podido por um momento transpor as diferenças da língua e da tradição reconhecendo-se numa intimidade perfeita. Espero que ele tenha gostado tanto de mim como eu dele. Mas sabia também que a única maneira de conservar esta primeira impressão dele seria não tornar a vê-lo; e não preciso de dizer que nunca mais o vi. Em Espanha, estavam sempre a acontecer encontros assim.

Falo deste miliciano porque a sua recordação me ficou vivamente gravada na memória. Com o seu uniforme coçado e o seu rosto altivo e comovente, simboliza para mim a atmosfera especial desse tempo. Está ligado a todas as minhas recordações desse período da guerra: as bandeiras vermelhas em Barcelona, os comboios lúgubres e a abarrotar de soldados esfarrapados que se arrastavam para a frente, as aldeias cinzentas e devastadas pela guerra que se viam ao longo da via férrea, as trincheiras gélidas e lamacentas nas montanhas.

Foi em finais de Dezembro de 1936, não passaram ainda sete meses, mas parece como se esse tempo fosse o de uma época muito longínqua. Os acontecimentos posteriores toldam a sua memória mais do que a de 1935 ou até 1905. Eu viajara para Espanha com a intenção de escrever artigos para os jornais, mas acabei por me alistar quase imediatamente na milícia, uma vez que naquele momento e naquela atmosfera não me era concebível fazer outra coisa. Os anarquistas mantinham ainda um controlo quase completo sobre a Catalunha e a revolução estava ainda no auge. Provavelmente, quem ali tivesse estado desde o início teria a impressão, até mesmo já em Dezembro e em Janeiro, de que o período revolucionário estava a chegar ao fim; mas para quem chegara então directamente de Inglaterra, o aspecto de Barcelona era espantoso e avassalador. Era a primeira vez que estava numa cidade sob o comando da classe trabalhadora. Quase todos os seus edifícios importantes tinham sido ocupados e enfeitados com a bandeira vermelha e negra dos anarquistas; viam-se a foice e o martelo pintados em todas as paredes; quase todas as igrejas tinham sido saqueadas e queimadas as suas imagens. Aqui e ali, havia grupos de operários que demoliam os templos. Em todas as lojas e cafés, uma inscrição informava que tinham sido colectivizados; até mesmo as caixas dos engraxadores tinham sido colectivizadas e pintadas de vermelho e negro. Os em-

pregados de mesa e os caixeiros das lojas olhavam-nos nos olhos e tratavam-nos de igual para igual. Ninguém dizia *señor* nem *don*, nem sequer *usted*; todos se tratavam por *camarada* e se davam o *tú*, e diziam *¡salud!* em vez de *buenos días*. Uma das minhas primeiras experiências foi a repreensão que ouvi do director de um hotel ao ver que me preparava para dar uma gorjeta ao rapaz do elevador. Não havia automóveis privados, uma vez que todos eles tinham sido requisitados, e os eléctricos, os táxis e os restantes meios de transporte estavam pintados de vermelho e negro. Por toda a parte, os cartazes revolucionários chamejavam nas paredes com as suas vivas cores vermelhas e azuis, o que fazia com que, por comparação, os poucos anúncios publicitários remanescentes parecessem borrões de lama. Nas Ramblas, a larga artéria central da cidade constantemente percorrida pelo vaivém de uma multidão de gente, os altifalantes mugiam todo o dia e até altas horas da noite canções revolucionárias. E o ar da multidão era o mais estranho de tudo. A julgar pela sua aparência exterior, as classes ricas tinham deixado de existir. Com a excepção de algumas mulheres e de alguns estrangeiros, não havia gente “bem-vestida”. Quase toda a gente trazia roupa de trabalho barata, fatos-macacos azuis ou alguma variante do uniforme da milícia. Tudo aquilo era estranho e comovente. Havia muitas coisas que me escapavam, e que de certo modo não me agradavam, mas compreendi que se tratava de um estado de coisas por que valia a pena lutar. Também acreditei que as coisas eram como pareciam, que estava realmente num Estado proletário e que os burgueses tinham fugido, ou sido liquidados, tendo ficado apenas os que voluntariamente se tinham posto do lado dos trabalhadores; não me dava conta de que muitos burgueses ricos se escondiam e temporariamente se disfarçavam de proletários.

Juntamente com tudo o mais, havia qualquer coisa da atmosfera sinistra da guerra. A cidade tinha um aspecto lúgubre e desorganizado, as avenidas e os edifícios encontravam-se em muito mau estado, as ruas quase não tinham iluminação devido à ameaça dos bombardeamentos nocturnos; na sua maior parte, os estabelecimentos comerciais tinham um ar de pobreza e estavam meio vazios. Havia muito pouca carne e era quase impossível encontrar leite, o carvão, o açúcar e a gasolina escasseavam, e escasseava, sobretudo, o pão.

Já nessa altura, as bichas às portas das padarias eram de centenas de metros. Mas as pessoas pareciam, tanto quanto era possível julgar, contentes e cheias de esperança. Não havia desemprego e o custo de vida era ainda muito baixo; era pouca a gente visivelmente miserável, e os únicos mendigos eram ciganos. Mas, sobretudo, havia confiança na revolução e no futuro, a impressão de se ter alcançado enfim uma época de igualdade e de liberdade. Os seres humanos procuravam comportar-se como seres humanos e já não como simples peças da máquina capitalista. Nas barbearias, viam-se proclamações anarquistas (quase todos os barbeiros eram anarquistas) que explicavam gravemente que os barbeiros tinham deixado de ser escravos. Nas ruas, cartazes coloridos exortavam as prostitutas a deixarem de se prostituir. Quem chegasse, vindo da civilização prosaica e céptica das regiões anglófonas, sentia qualquer coisa de patético ao ver aqueles espanhóis idealistas que levavam à letra as palavras de ordem revolucionárias mais estafadas. Naquele tempo, vendiam-se nas ruas baladas ingénuas que falavam da revolução, da fraternidade dos proletários e da maldade de Mussolini. Vi muitas vezes um militante iletrado comprar uma dessas baladas, decifrar esforçadamente as suas palavras, e, a seguir, depois de ter compreendido o seu sentido, começar a cantá-la, entoando-a numa melodia apropriada.

Entretanto, eu passava todo esse tempo no quartel Lenine, alegadamente recebendo instrução para partir para a frente. Quando me alistei na milícia, disseram-me que seria enviado para a frente no dia seguinte, mas a verdade é que tive de esperar que uma nova *centuria* estivesse em condições de partir. As milícias operárias, recrutadas precipitadamente pelos sindicatos no início da guerra, não tinham sido ainda organizadas nos termos de um exército regular. As unidades de base eram a secção, composta por cerca de trinta homens, a *centuria*, por cerca de cem, e a coluna, que, na prática, designava qualquer grupo suficientemente numeroso. O quartel Lenine era um bloco de esplêndidos edifícios de pedra com um picadeiro de equitação e enormes pátios empedrados; fora um quartel de cavalaria conquistado durante os combates de Julho. A minha *centuria* dormia numa das cavaliarias, debaixo das manjedouras de pedra que exibiam ainda os nomes dos cavalos de batalha. Todos os cavalos tinham sido requisitados e enviados para a frente, mas todo o lugar

tresandava ainda do cheiro a urina de cavalo e a aveia podre. Passei quase uma semana no quartel. Lembro-me sobretudo dos cheiros deixados pelos cavalos, dos toques de corneta tremulantes — todos os nossos corneteiros eram amadores e só soube como eram os toques de corneta espanhóis depois de os ouvir vindos das linhas fascistas —, dos passos das botas cardadas na parada do quartel, das longas marchas matinais sob o sol de Inverno e das desvairadas partidas de futebol, com cinquenta jogadores de cada lado, no saibro do picadeiro. Haveria um milhar de homens no quartel e cerca de vinte mulheres, não contando com as dos milicianos que se ocupavam da cozinha. Havia ainda mulheres que serviam na milícia, embora não muito numerosas. Durante as primeiras batalhas, tinham lutado ao lado dos homens como se não pudesse ser de outra maneira. Numa revolução, parece natural que assim seja. Mas as ideias começavam a mudar. Durante a instrução das mulheres, os milicianos tinham de ser afastados do picadeiro, a fim de não as confundirem, rindo-se delas. Mas, poucos meses antes, ninguém teria achado cómico ver uma mulher empunhar uma espingarda.

O quartel estava no mesmo estado de caos e de sujidade a que a milícia reduzia qualquer edifício que ocupasse, como parece ser um subproduto inerente de qualquer revolução. Havia por todos os cantos peças de mobília partidas, selas rotas, capacetes de cavalaria de cobre, bainhas de sabre vazias e comida estragada. Era aterrador o desperdício de comida, sobretudo de pão. Só no meu barracão, ia para o lixo um cesto cheio no fim de cada repasto, o que era uma vergonha tendo em conta a escassez de pão que se fazia sentir entre a população civil! Comíamos em mesas compridas, montadas sobre cavaletes, e em escudelas em marmitas invariavelmente engorduradas, e, para beber, tínhamos de nos servir de uma coisa medonha, chamada *porrón* — uma espécie de garrafa de vidro, cujo gargalo tem um bico do qual, quando se inclina a garrafa, sai um jacto de vinho, que se pode assim beber sem levar aos lábios o recipiente que passa de mão em mão. Assim que vi o *porrón*, que achava demasiado parecido com um urinol, sobretudo quando continha vinho branco, fiz greve da sede e reclamei que me dessem um copo.

Pouco a pouco, foram sendo distribuídos uniformes pelos recrutas, mas, uma vez que estávamos em Espanha, as suas peças avulsas